

As imagens de Simón Bolívar: do general iluminista aos usos do passado e das crônicas coloniais

Marcus Vinícius de Morais¹

Resumo: Uma parte dos escritos do general venezuelano Simón Bolívar construiu uma imagem específica a seu respeito. Esta imagem, a do Libertador, dialogava tanto com a ideia do “homem de armas” quanto com a concepção do “homem das luzes”, letrado e racional. No entanto, a partir de uma releitura dos textos clássicos de Bolívar e da ampliação das fontes primárias do período da independência, como, por exemplo, o jornal *Correio de Orinoco*, é possível perceber a existência de um outro Bolívar. Os usos do passado e as constantes referências às crônicas coloniais do século XVI, dos escritos de Hernán Cortés e Bartolomé de Las Casas, revelam-nos que as narrativas de si, feitas por Bolívar, e os escritos sobre a independência da América, em pleno século XIX, estavam muito além da tradição iluminista e que, portanto, outros referenciais históricos e intelectuais foram importantes para a criação do discurso de ruptura da elite crioula frente ao domínio espanhol.

Palavras-chave: Simón Bolívar, Iluminismo, Crônicas Coloniais.

The images of Simón Bolívar: from the Enlightenment general to the uses of the past and the colonial chronicles

Abstract: A part of the writings of the Venezuelan general Simon Bolivar constructed a specific image about him. This image, that of the Liberator, was as much in dialogue with the idea of a “man of arms” as with the conception of the “man of lights”, literate and rational. Nevertheless, from a re-reading of the classic texts of Bolivar and the extension of the primary sources of the independence period, as for example the newspaper *Correio de Orinoco*, it is possible to perceive the existence of another Bolivar. The uses of the past and the constant references to the colonial chronicles of the sixteenth century, from the writings of Hernán Cortés and Bartolomé de Las Casas, reveal that Bolivar's narratives of himself and the writings on the independence of America in the middle of the century XIX, were far beyond the Enlightenment tradition and that, therefore, other historical and intellectual references were important for the creation of the discourse of rupture of the Creole elite against Spanish rule.

Keywords: Simon Bolivar, Enlightenment, Colonial Chronicles.

¹ Doutorando em História Cultural, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Brasil. Pesquisa em andamento: *A construção do libertador: os escritos de Simón Bolívar e o jornal Correio de Orinoco (1805-1825)*. Rua Major Sólón 634, apto 34. Cambuí - Campinas (SP), CEP 13024-091. e-mail: moraismarcus@yahoo.com.br



Artigo recebido em: 08/10/2017

Artigo aprovado para publicação em: 29/04/2018

1. A memória oficial: o Libertador iluminista

A figura do general venezuelano Simón Bolívar (1783-1830) quase sempre foi narrada como exemplo da presença do Iluminismo na América no decorrer das lutas de independência das colônias contra o domínio espanhol. A ideia de um homem racional, letrado, conhecedor das mais recentes teorias políticas, é praticamente uma visão oficial a respeito de Bolívar. Esta imagem específica tem a sua própria história, uma certa genealogia que, num primeiro instante, parece percorrer dois momentos: os escritos do próprio Bolívar, ou seja, as escritas que fez de si e, por outro lado, escritos de outros autores e biografias que, mais tarde, exaltariam a figura do Libertador. Cada um destes momentos, no entanto, conecta-se com o outro, numa linha de permanências, influências narrativas e apropriações.

Em primeiro lugar, Bolívar escreveu sobre seus próprios feitos, inaugurando uma imagem de si que ajudaria a edificar o seu próprio mito. Em um segundo instante, esta imagem construída por ele foi vista como verdade inquestionável por alguns autores e biógrafos apologistas de Bolívar. O primeiro escreveu sobre si e os segundos, sem questionar as fontes, utilizaram parte destes escritos para erguerem seus próprios “bolívares”. Deste cruzamento e dos usos que foram feitos saiu, então, um Simón Bolívar específico: mito e herói iluminista de toda a América livre. É preciso revisitar cada um destes pontos.

A necessidade de se criar um discurso de ruptura da elite *criolla* com a coroa espanhola pareceu ter moldado, em parte, a imagem específica que Simón Bolívar criou de si². Ele precisava representar em seus escritos o rompimento com a Espanha e com o passado colonial. A independência precisava ser vista como o novo, a razão, as luzes, frente a uma Espanha que era construída como o passado, o atraso, o fanatismo e as trevas. De acordo com esse discurso, “[...] a colônia era o despotismo, o obscurantismo,

² Para se compreender melhor, e de modo mais profundo, a construção retórica dos discursos políticos criados durante o processo das independências da América, ver: PALTÍ, Elías José. *La investigación de una legitimidad: razón y retórica en el pensamiento mexicano del siglo XIX - un estudio sobre las formas del discurso político*. México: FCE, 2005.

o poder inquisitorial, a ignorância e o fanatismo. Esse mundo de vícios, consequência da dominação espanhola, era o contrário do progresso” (LEMPÉRIÈRE, 2004, p. 110). Bolívar e a independência, portanto, representariam o contrário:

Antes da independência tudo era escuridão, servidão, submissão à monarquia absoluta: com a independência surgem a luz, a soberania nacional, a liberdade republicana. Nesse sentido, Bolívar e sua geração adquirem o significado de salvadores e heróis que dividem a História [...]. (SORIANO, 1992, p. 8)

Dentro desta lógica de oposição em relação à Espanha, Bolívar também fez uma construção de si, em suas cartas, documentos e discursos. O próprio general, nesse caso, também foi agente de construção de sua própria memória.

A construção narrativa de Bolívar sobre Bolívar criava uma clara oposição: a América queria a liberdade e a Espanha o domínio. Bolívar surgia, então, como o representante das luzes e da igualdade diante da monarquia espanhola, atrasada e representante da fé católica. A partir disso, criava-se um discurso de identidade, um “nós”, americano, frente a um “outro”, o espanhol invasor, em que esse outro era visto como bárbaro, narrado como monstro, selvagem, violento, ou seja, construía-se também uma relação de alteridade: “Em contraponto a essa chamada de destruição do outro, vemos por outra parte a celebração das façanhas realizadas pelos homens de armas no campo de batalha.” (HÉRBRARD, 2006, p. 5)

Era preciso valorizar suas próprias ações e celebrar os feitos de guerra dos soldados. Bolívar deixou claro e enalteceu o seu papel como combatente. Em carta para Fernando Peñalver, escrita em 1821, ele disse:

Se os senhores querem que eu leve o nome de presidente, eu não quero ser mais do que um general em chefe do exército da Colômbia, com faculdades para pedir e conseguir homens e dinheiro, víveres, e o equipamento para o exército e, enfim, quero as faculdades concedidas ao teatro da guerra [...]. (BOLÍVAR, 1964, p. 67)

A guerra consagrava o nascimento de uma *nova raça* de homens: militares, cidadãos, patriotas, virtuosos e prudentes: “[...] esta nova raça substituiu simbolicamente a *raça espanhola* [...]. É neste contexto que Bolívar proclamou, em 1819, a distinção do título de *Libertadores*.” (HÉRBRARD, 2006, p. 7)



A partir disso, é possível inverter o raciocínio: não foi Bolívar quem ficou imortalizado pelo culto criado a seu respeito, mas o contrário. O seu culto foi determinado, em parte, pelas suas narrativas, pelas imagens que ele mesmo criou de si para a posteridade. É no *Bolívar de Bolívar*, criado no século XIX, que está a genealogia do Bolívar atemporal presente em toda a América. A historiadora Fabiana Fredrigo, em seu livro *Guerras e Escritas: a correspondência de Simón Bolívar (1799-1830)* analisou as cartas de Simón Bolívar e sua preocupação com criar uma memória de homem indispensável para a América:

A escolha do que escrever, de como escrever, e a constância com a qual escrevia indicavam a conformação de uma memória no epistolário. Além disso, era patente no epistolário o desejo de que a memória construída fosse aceita pela posteridade [...] a escrita das cartas subsidiava um projeto de memória. (FREDRIGO, 2010, p. 34)

Em vários documentos de Simón Bolívar é possível ver este esforço de se autoconstruir, sobretudo a partir da referência das luzes. No famoso texto conhecido como *Carta da Jamaica*³, Bolívar, logo no início, afirmou: “O próprio Barão de Humboldt, com sua universalidade de conhecimentos teóricos e práticos [...]” (BOLÍVAR, 1992, p. 53-54). Em seguida, recorreu novamente ao mesmo autor: “Na Nova Espanha, havia, em 1808, segundo nos relata o barão de Humboldt [...]” (BOLÍVAR, 1992, p. 56). Ainda no mesmo documento, citou: “É mais difícil, diz Montesquieu, tirar um povo da servidão do que subjugar um povo livre” (BOLÍVAR, 1992, p. 66). No discurso de Angostura, em 15 de fevereiro de 1819, ele escreveu: “A liberdade, diz Rousseau, é um alimento suculento, mas de difícil digestão” (BOLÍVAR, 1992, p. 85). Em outra passagem do discurso, Bolívar redigiu: “[...] a máxima de Montesquieu, que diz que um corpo representante [...] deve fazer leis e ver se elas são cumpridas” (BOLÍVAR, 1992, p. 98). Ao encerrar sua fala, Bolívar fez um exercício de imaginação e disse que, num futuro próximo, enxergaria a América anunciando novos tempos: “[...] já a vejo comunicando seus preciosos segredos aos sábios que ignoram quão superior é a soma das luzes [...]” (BOLÍVAR, 1992, p. 108).

³ O texto original se chama: *Resposta de um americano meridional a um cavaleiro desta ilha Kingston*, de 6 de setembro de 1815.

No discurso diante do Congresso Constituinte da Bolívia em 1825, Bolívar encerrou a sua fala citando indiretamente uma teoria de Rousseau quando disse: “[...] a *soberania do povo* – única autoridade legítima das nações” (BOLÍVAR, 1992, p. 120). A memória oficial de Bolívar afirma e celebra o quanto ele era um ávido leitor, amante das obras clássicas gregas e latinas e, sobretudo, dos iluministas. Em textos e inventários, a respeito dos livros que teriam pertencido ao general venezuelano, quase sempre são citados apenas os pensadores das luzes: “[...] os escassos exemplares que nos restaram possuem um alto valor histórico e emocional, como é o caso do *Contrato Social* de Rousseau, propriedade hoje da Universidade Central da Venezuela” (VILA, 1960, p. 4). Em uma carta para Francisco de Paula Santander, do dia 20 de maio de 1825, o próprio Bolívar falou a respeito dos autores que mais lhe agradavam em suas leituras:

Certamente que não aprendi nem a filosofia de Aristóteles, nem os códigos do crime e do erro; mas pode ser que o Mr. de Mollien não tenha estudado tanto quanto eu a Locke, Condillac, Buffon, D’Alembert, Helvetius, Montesquieu, Mably, Filangieri, Lalande, Rousseau, Voltaire, Rollin [...] e todos os clássicos da Antiguidade, filósofos, historiadores, oradores e poetas; e todos os clássicos modernos, da Espanha, França, Itália e em grande parte os ingleses. Tudo isso lhe digo muito confidencialmente para que não acredite que eu tenha recebido uma má formação [...] ainda que por outra parte eu não saiba nada, não tenho deixado, sem dúvida, de ser educado como um menino de distinção pode ser educado na América sob o domínio espanhol. (BOLÍVAR, 1964, p. 296)

As referências aos teóricos iluministas traziam credibilidade aos escritos de Bolívar, serviam como autores e pensadores de *autoridade* que, uma vez citados, fariam de seus escritos o que de mais atual existia em matéria de assuntos políticos. Não citar os filósofos das luzes fazia Bolívar ser tão retrógrado quanto a Espanha que ele enxergava e que, a partir de seus escritos, deveria ser rejeitada. Não se trata apenas de uma guerra feita com armas, mas com papel e pena, pois existia a constante construção de uma narrativa do atraso espanhol que era combatida com a suposta modernidade *criolla*. Esta arma era quase uma atitude compensatória. Os *criollos*, embora nascidos na América, eram mais racionais e instruídos do que os espanhóis que, mesmo nascidos na Europa, eram irracionais e atrasados. Tratava-se de uma guerra de discursos. Neste caso, o Bolívar das luzes, construído por ele próprio e reforçado pelas gerações seguintes, era o maior exemplo da superioridade intelectual dos libertadores. Em um



pronunciamento feito em Bogotá, em janeiro de 1815, Bolívar afirmou: “[...] que razão ilustrada, que virtude política, que moral poderíamos achar entre nós para romper o cetro da opressão?” (BOLÍVAR, 1983, p. 70)

Os exemplos são quase infinitos e seria possível encher páginas com as referências aos iluministas retiradas dos escritos do próprio Simón Bolívar. De certa forma, esta imagem de si acabou se perpetuando, congelando-se e se transformando no Bolívar que, por fim, ficou conhecido pelas gerações seguintes. Bolívar criou uma *representação*⁴ de si, uma *persona*⁵, sendo que uma das características predominantes desta imagem é a instrução, o letramento, racional e ilustrado.

Nesse sentido, Bolívar arquitetou a construção de uma memória por meio de seus escritos e isto foi importante para o presente e para o futuro do Libertador. “Diante desse tema, o objetivo é mostrar que esse projeto de memória foi vitorioso, uma vez que elementos presentes no epistolário alimentam o culto a Simón Bolívar” (FREDRIGO, 2010, p. 39). Esta construção narrativa criava uma clara oposição: de um lado estava a América *criolla*, que queria a liberdade e do outro aparecia a Espanha, que desejava manter seu controle e domínio. Simón Bolívar surgia, então, como o representante das luzes, diante da monarquia espanhola, vista como atrasada e representante da fé católica. Estas representações sobreviveriam mesmo após a morte de Bolívar⁶, influenciando uma legião de autores que se dispuseram a escrever sobre o general. Os seus escritos foram vistos como verdades absolutas, certezas inquestionáveis e suas narrativas sobre batalhas e episódios da independência como irrefutáveis, na medida em que ele, Bolívar, tinha sido protagonista e testemunha ocular daquilo que narrava⁷.

⁴ As narrativas de Bolívar são, em essência, um discurso sobre si, uma apresentação pública, a oficialização de uma representação particular de sua própria vida, representação da sua existência como história: “[...] não há prática ou estrutura que não seja produzida pelas representações [...] pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido ao seu mundo”. (CHARTIER, 2002, p. 66)

⁵ Nesse sentido, é possível perceber que em muitos documentos escritos por Bolívar temos uma representação muito bem pensada e determinada. Ele transmite uma imagem específica, criando, assim, uma espécie de personagem. “O campo da representação de si permite a ‘invenção’, pois escrever de si para outrem é assumir uma *persona*.” O autor Pierre Bourdieu fala de uma *ilusão biográfica*: quem escreve sobre si tende a ter essa “[...] propensão a tornar-se o ideólogo de sua própria vida, selecionando, em função de uma intenção global, certos acontecimentos significativos e estabelecendo entre eles conexões para lhes dar coerência [...] como causas ou, com mais frequência, como fins [...]”. (BOURDIEU, 1996, p. 185)

⁶ Santa Marta, Colômbia, 17 de dezembro de 1830. Ele tinha 47 anos.

⁷ A respeito da valorização da testemunha ocular na produção de diários, textos e crônicas, faz-se importante a leitura dos escritos do historiador François Hartog. Na obra *O Espelho de Heródoto* o autor analisou a importância do “eu vi” como credibilidade a um “eu digo”. (HARTOG, 1999)



A respeito de Bolívar existe um grande número de escritos. Eles foram produzidos ao longo do século XIX e por todo o século XX. Seria impossível passar por todos eles, mas em sua maioria ainda permaneceu a visão do homem lido, estudado, racional e devorador de obras ilustradas. Além disso, também persistiu a necessidade frequente de se narrar um Bolívar que rompia com o passado colonial da América, para libertá-la da Espanha e ao mesmo tempo criar um novo mundo, *criollo* e iluminado, diferente da dominação ultrapassada, retrógrada e cheia de religiosidade dos espanhóis. A luz contra a escuridão. Esta era a batalha.

No ano da morte do Libertador, em 1830, Simón Rodríguez, um dos professores do general durante a juventude, escreveu *Defensa de Bolívar*. O autor fez uma defesa de Bolívar em relação aos ataques que ele sofreu em seus últimos anos de vida. Contra as acusações de ser ditador, tirano e violento, Simón Rodríguez narrou e construiu um Bolívar justo, racional, liberal e letrado: “Todos os militares de talento guardam a espada e abrem os livros, quando os inimigos abandonam o campo de batalha”; “[...] o mundo é a sua escola. A curiosidade lhe dá livros e seu discernimento lhe serve como guia”; “Suas obras são filhas de sua reflexão” (RODRÍGUEZ, 1916, p.10). Além disso, afirmou, em diversas passagens, que Bolívar era um homem ilustre, excessivamente generoso e de perspicácia intelectual.

Ainda no século XIX, outra importante referência foi o texto *Venezuela Heroica*, de Eduardo Blanco, de 1881, escrito durante o segundo mandato⁸ de Antonio Guzmán Blanco. O autor narrou as proezas e as vitórias de diversas batalhas ocorridas durante a independência da Venezuela. Em suas narrativas, Bolívar apareceu como herói: “Somente Bolívar não se comove; superior às veleidades da fortuna, para sua alma não há contrariedade, nem sacrifício, nem prova desastrosa [...] ele alcança com o relâmpago de seu gênio os horizontes da pátria” (BLANCO, 1881, p. 8). A *Venezuela Heroica* construía a obra sagrada dos libertadores, *história pátria*, estruturada em torno do culto heroico baseado na lenda das guerras de independência; narrativa esta que se relacionava com o poder do Estado e com os valores nacionalistas, de civilização e progresso presentes no período do *guzmanato*.

⁸ O segundo mandato de Antonio Guzmán Blanco, na Venezuela, deu-se entre os anos de 1879 e 1884.

Eduardo Blanco construiu, assim, a imagem de uma Espanha dominada pela violência, pelas trevas, pela barbárie, atraso e fanatismo, ao passo que Bolívar era representado como a sabedoria, como a perseverança, tenacidade e luz: “Aquela imensa chama, aquela imensa fogueira é o primeiro brilho do gênio da América, é Bolívar, que surge coroado de luz como os imortais”; “Bolívar não se parece com ninguém. Sua glória é mais sublime. Ser Libertador está acima de todas as grandezas a que pode aspirar a ambição dos homens” (RODRÍGUEZ, 1916, p. 47). Tanto os escritos de Bolívar como esses textos do século XIX teriam forte impacto na produção biográfica construída a seu respeito ao longo do século XX.

Uma das biografias mais importantes escrita a respeito do general foi a obra *Bolívar visto por sus contemporáneos*, do escritor argentino José Luis Busaniche, publicada em 1960. A biografia foi construída a partir de diversos relatos feitos por homens que acompanharam e conheceram Bolívar em vida. Logo no início, afirmou o autor: “Não faltaram a Simón, em seus primeiros anos, excelentes preceptores que lhe deram aulas em sua própria casa, entre eles o jovem Andrés Bello. [...]” (BUSANICHE, 1995, p. 11). Em seguida, Busaniche destacou também o papel de outro professor na vida do jovem Bolívar, o letrado e admirador da pedagogia de Rousseau, Simón Rodríguez. Em outro momento, ao narrar as viagens de Simón pela Europa, já mais velho, o biógrafo destacou a sua estadia na França e o contato com aquele ambiente ilustrado:

[...] jovem, rico, ambicioso, sentiu-se abençoado pelas correntes espirituais daquele momento histórico. Vinculou-se a círculos diferenciados, frequentou salões, interessou-se por literatura, o pensamento de Rousseau e fez amizade com o célebre Alexander de Humboldt. (BUSANICHE, 1995, p. 13)

Em 1976, o venezuelano José Luis Salcedo-Bastardo escreveu o livro *Visão e Revisão de Bolívar*. O autor certamente foi um dos maiores apologistas de Bolívar. Sua obra o transformou num verdadeiro reformador que, com tons celebrativos e certa dose de exagero, não economizou elogios. Em várias passagens ele destacou a formação intelectual do general: “Por convicção humana muito profunda Bolívar é republicano e o é ainda por imperativos históricos, em razão do movimento em cuja vanguarda figura”, ou seja, o próprio Iluminismo (SALCEDO-BASTARDO, 1976, p. 107). Ao



mencionar a educação e o letramento de Bolívar, o autor apelou para uma questão de escala, de grandeza: “É impossível organizar uma lista exaustiva dos autores lidos por Bolívar [...]. Na parte de seus livros, encontram-se os mais diversos títulos [...]” (SALCEDO-BASTARDO, 1976, p. 55).

A representação de Bolívar feita por Salcedo-Bastardo ficou quase caricatural quando ele tentou traçar um perfil psicológico do biografado, que surgia, então, praticamente como um cientista, dotado de racionalidade acentuada: “[...] uma mentalidade objetiva capacitada a olhar a verdade sem paixão [...] um observador de visão precisa, capacitado a formular uma crítica imparcial” (SALCEDO-BASTARDO, 1976, p. 64).

O livro do historiador norte-americano David Bushnell, *Simón Bolívar: hombre de Caracas, proyecto de América – una biografía*, foi escrita no ano de 2002. O autor fez uma análise social a respeito do período das independências, dando destaque para as tensões sociais que existiam entre *criollos*, indígenas, espanhóis e escravos, mas não deixou de elogiar o letramento de Bolívar: “[...] é costume dizer que em sua precoce formação intelectual quem exerceu maior influência foi o mestre Simón Rodríguez, pedagogo imbuído do pensamento de escritores da Ilustração” (BUSHNELL, 2002, p. 15).

Da mesma forma que outros autores, Bushnell também destacou o período em que Bolívar viajou pela Europa. Ele citou, aliás, o mesmo trecho escrito pelo próprio general em carta para Francisco de Paula Santander, enumerando os vários autores ilustrados que ele teria lido. Em seguida, afirmou: “[...] entre os múltiplos talentos que havia demonstrado o futuro Libertador não é nada desprezível sua capacidade de combinar a vida de luxo com uma verdadeira vocação aos estudos” (BUSHNELL, 2002, p. 18).

Uma das biografias mais recentes lançadas sobre Simón Bolívar foi a obra da jornalista peruana Marie Arana, publicada em 2013, intitulada *Bolívar: Libertador da América*. Em tom de romance histórico, a autora resgatou, de certo modo, os escritos de José Luis Salcedo-Bastardo e das narrativas heroicas que foram construídas a respeito do Libertador: “Poucos heróis da história conheceram tanta honra, tanto poder e tanta ingratidão” (MARIE ARANA, 2015, p. 18).



Na verdade, ela reforçou vários estereótipos existentes sobre Bolívar: o comandante militar brilhante, o homem das luzes, da ciência e da razão:

[...] era um grande admirador de Rousseau, Voltaire, Locke e Montesquieu. O que significa que era um firme defensor das noções de autodeterminação do Iluminismo. Não lhe agradavam os rigores paralisantes da Igreja e das leis coloniais da Espanha. (MARIE ARANA, 2015, p. 47)

O livro de Marie Arana não apenas reproduziu o que as várias outras biografias já tinham construído a respeito do general, mas, acima de tudo, manteve viva a imagem e a memória que o próprio Bolívar havia criado de si, muitos anos antes, no século XIX, em meio às lutas de independência.

2. Em busca de rastros e outros Bolívares

A construção deste Simón Bolívar iluminista, letrado, racional e conhecedor das mais diversas teorias políticas tinha, naquele momento das guerras contra a Espanha, e como quase todo mito⁹, uma função bastante clara: a criação de uma unidade *criolla* que fizesse frente ao domínio espanhol. O Bolívar ilustrado concentrava em si os valores que, naquele instante, pareciam ser os melhores para enfrentar o discurso dos espanhóis¹⁰. É quase um jogo duplo de imagens.

Na medida em que a Espanha precisava representar o mal, o atraso, o antigo, o fanatismo inquisitorial católico, as instituições arcaicas e falidas, o monopólio comercial, a violência, o domínio e, portanto, os grilhões coloniais, Bolívar e a elite *criolla* tinham que passar a representar a superação disso tudo, ou seja, o bem, o avanço, o novo, o racionalismo religioso, as modernas instituições, a liberdade comercial, a justiça e a liberdade. Assim, durante as guerras de independência, Simón Bolívar e vários membros da elite colonial passaram a se representar como os detentores das

⁹ Ver as seguintes obras: BAUZÁ, Hugo Francisco. *El mito del héroe: morfología y semântica de la figura heroica*. Buenos Aires: FCE, 1998; POMER, León. *La construcción de los héroes: imaginário y nación*. Buenos Aires: Leviatán, 2005.

¹⁰ “Cada época cria seus heróis e lhes atribui, quer sejam de uma época distante, próxima ou atual, seus próprios valores. O herói cristaliza em si uma simbolização coletiva [...]” (DOSSE, 2009, p. 151-152).



luzes, do letramento e, por oposição, passaram a narrar a Espanha como o que havia de pior sobre a Terra.

No entanto, esta narrativa sobre si, que foi reforçada posteriormente por alguns autores e biógrafos de Bolívar, criou uma imagem quase *não humana* do próprio general. Ele se localiza entre o humano e o divino: não falhava, não errava, tinha inteligência superior e tudo o que fazia era planejado, pensado, meticulosamente construído, numa perfeição quase mítica e heroica, sem equívocos, contradições ou deslizes: “Os heróis tem em comum o fato de serem transgressores, de encaminhar suas ações e ultrapassar o umbral do proibido, de ir mais além dos limites impostos pela sociedade” (BAUZÁ, 1998, p. 5).

Depois de derrotado em várias batalhas, Bolívar contava e reescrevia o que acontecia, eliminando o imprevisto, retirando da narrativa as ações de sucesso dos inimigos e transformando a sua derrota em ações pensadas e calculadas por ele, que se via, então, como verdadeiro líder racional e estrategista. Tratava-se de uma criação artificial de sentido, uma narrativa feita de frente para trás e, portanto, teleológica.

Esse efeito de *ilusão biográfica*, construído por Bolívar e, naturalmente, por seus admiradores e biógrafos tradicionais passou a imperar sobre as narrativas do Libertador. Tudo tinha coerência, um sentido de ser, uma razão específica, enfim, tudo estava de antemão planejado e controlado pelo protagonista¹¹:

Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência [...]. (BOURDIEU, 1986, p. 185)

¹¹ François Dosse, ao analisar a construção do herói durante o século XIX, utilizou Napoleão Bonaparte como exemplo de suas análises. De acordo com Dosse, a consciência de se construir como herói para o presente e para a posteridade será uma marca desses grandes homens: “[...] esse herói nacional contribuiu, ele mesmo e aqueles que o cercavam, para construir sua imagem heroica”; “Envolvido num ritmo acelerado de acontecimentos excepcionais, mas fugazes, Napoleão logo compreendeu a necessidade de fabricar seu próprio ícone, aproveitando astutamente o tempo para conferir um traço indelével às formas que nele deixa o herói [...]”; “Bonaparte cuida tanto das representações de si próprio e de seus feitos que, havendo necessidade, inventa-os [...]” (DOSSE, 2009, p. 163). O historiador John Lynch afirmou algo semelhante sobre Bolívar: “Bolívar sempre se mostrou preocupado por proteger sua imagem de homem culto e ilustrado e gostava de ser reconhecido como tal, inclusive quando não estava de acordo com algumas ideias básicas da Ilustração [...]” (LYNCH, 2010, p. 195).

Giovanni Levi afirmou que, no fundo, a vida é feita de imprevistos, do acaso, de desconstruções, interrupções, falta de coerência, em que o real é descontínuo, formado de elementos justapostos, sem razão, que surgem do imprevisto, fora de propósito, de modo aleatório: “[...] a ilusão de uma identidade específica, coerente, sem contradição, que não é senão o biombo ou a máscara, ou ainda o papel oficial, de uma miríade de fragmentos e estilhaços” (LEVI, 2002, p. 173). O que temos são sujeitos fracionados, múltiplos, incoerentes e, portanto, é preciso destacar outros pontos da vida e das narrativas de Simón Bolívar que, ao longo do tempo, ficaram ocultados pela *necessidade* narrativa de se criar o *homem das luzes* na América.

O primeiro passo para esta releitura é partir da certeza de que o pensamento de Bolívar era heterogêneo e de que não havia, portanto, uma unidade tão racional e planejada. Alguns outros historiadores têm mostrado as contradições, levantado questionamentos, duvidado das fontes e das escritas de Bolívar e, em vários pontos, relativizado as afirmações tão seguras e concretas que sempre foram feitas e divulgadas sobre o general venezuelano.

O historiador espanhol Salvador Madariaga, no ano de 1951, lançou uma extensa biografia sobre o general e afirmou que existia um

[...] Bolívar perdido no deserto da indecisão, obcecado pelas dúvidas. Esta é a causa de suas contradições, de suas mudanças súbitas, de suas mudanças repentinas de vontade ou de conduta que tanto tem desconcertado seus observadores. (MADARIAGA, 1951, p. 179)

Embora nitidamente antipático à figura de Bolívar, Madariaga trouxe importantes contribuições na medida em que questionou a formação do Bolívar intelectual e iluminista:

Este filho das Índias espanholas, com um mundo de antepassados dentro de si, um mundo de frades e de conquistadores, povoadores e *encomenderos*, de servos índios e escravos negros, mundo de ordem e de poder, de fé e tradição [...]. (MADARIAGA, 1951, p. 91)

Madariaga, nesta afirmação, deixou claro que muito antes do Iluminismo e dos teóricos das luzes, existiu uma história anterior, de pelo menos trezentos anos, repleta de narrativas e personagens próprios que, a seu ver, povoavam não só a América, mas,



sobretudo, a história de Simón Bolívar. Para encerrar, o historiador também questionou o volume de leituras que Bolívar sempre afirmava fazer:

[...] cabe duvidar se realmente estudou com assiduidade todos os autores que cita em suas cartas. [...] A maior influência sobre o pensamento de Bolívar foi o próprio Bolívar. [...] a influência mais direta sobre o pensamento de Bolívar foram suas próprias experiências. (MADARIAGA, 1951, p. 169-170)

O historiador venezuelano Germán Carrera Damas, publicou, em 1969, uma obra que se tornou referência para a compreensão do culto criado sobre a imagem de Bolívar. Em *El culto a Bolívar* ele questionou, em vários momentos, a produção bibliográfica que se construiu sobre o personagem. Para ele, Bolívar se tornou um personagem intocado e narrado de modo hagiográfico. A multidão de obras que existe contrasta com as pobreza interpretativas, sempre iguais e monótonas¹². Bolívar foi colocado em uma região solitária e inacessível e, como herói intocável, ele se situa no lugar da moral, como grande figura majestática. Carrera Damas afirmou que existe um grande vazio entre a figura historiográfica de Bolívar e a sua vivência histórica e que, por isso mesmo, a documentação escrita por ele e sobre ele deve ser questionada, revisitada e ao mesmo tempo ampliada.

Em 2006, o historiador John Lynch lançou o livro *Simón Bolívar - A life*. O autor não escondeu sua simpatia pelo objeto de estudo, mas em nenhum momento se deixou levar pela palavra do general. Trata-se de uma análise crítica e bem documentada a respeito de um processo e de seu personagem. O autor não nega que Bolívar tenha tido uma educação ilustrada, mas questiona alguns exageros e pondera algumas outras passagens a respeito da vida de Bolívar. Sobre o encontro entre Bolívar e Alexander von Humboldt ele afirmou:

[...] no que diz respeito a Bolívar, suas ideias políticas estavam ainda por se desenvolver e em 1804 não era tão pretensioso para ver a si mesmo como líder de um movimento de libertação nacional. De qualquer maneira, Humboldt não ficou impressionado com Bolívar. (LYNCH, 2010, p. 31)

¹² Sobre a desconstrução do discurso oficial da independência da Venezuela, ver: DAMAS, Germán Carrera. *La Independencia cuestionada*. Caracas: Alfa, 2017.

A respeito da educação de Bolívar, John Lynch destacou a importância dos livros, da biblioteca e das leituras constantes feitas pelo general, mas ao mesmo tempo fez importantes ressalvas. Ele afirmou que existe um exagero em se pensar em uma origem intelectual única para o movimento de independência e que Bolívar jamais foi escravo das teorias europeias. Havia diversas outras variáveis que conduziam suas ações, como, por exemplo, o militarismo, a dificuldade de se formar tropas, a questão da fome e, muitas vezes, a questão das finanças. Pensar deste modo, mais múltiplo, é devolver parte da originalidade do movimento de independência, pois ele, Bolívar, não se preocupou somente em copiar sistematicamente os modelos europeu e norte-americano, mas em responder às necessidades específicas da América:

Em seu estudo dos filósofos dos séculos XVII e XVIII, encontrou fontes que considerava intelectualmente estimulantes e que lhe ajudaram a desenvolver suas ideias, mas é muito provável que sua leitura lhe servisse mais para reafirmar e ampliar sua forma de ver o mundo do que para criá-la. (LYNCH, 2010, p. 38)¹³

O historiador venezuelano Elías Pino Iturrieta¹⁴ publicou o livro *Bolívar: esbozo biográfico*, no ano de 2012. O autor tem tido um esforço contínuo em sua carreira para desconstruir os dois extremos existentes sobre a imagem de Bolívar. Para ele, não se trata nem de herói, nem de vilão. O mais importante seria devolvê-lo ao seu próprio tempo e às circunstâncias específicas que permitiram esta ou aquela decisão do general. Sobre a educação de Bolívar, por exemplo, ele afirmou: “[...] o que se buscava era harmonizar as ideias do Século Ilustrado com os princípios da ortodoxia da qual os membros da elite *criolla* se formaram” (ITURRIETA, 2015, p. 34), ou seja, falavam de Voltaire, de Descartes, de Newton, mas não abandonavam Aristóteles, nem São Tomás e nem deixavam de jurar pelo dogma da Imaculada Conceção de Maria.

¹³ O historiador John Lynch tem outra importante obra a respeito do processo de independência. Não se trata de uma biografia, mas de uma análise geral sobre as guerras contra a Espanha: LYNCH, John. *Las revoluciones hispanoamericanas (1808-1826)*. Barcelona: Ariel, 1976.

¹⁴ Elías Pino Iturrieta também trouxe importantes contribuições ao propor uma nova leitura da Carta da Jamaica, de 1815. Nesse sentido, tão necessário quanto ampliar as fontes a respeito de Bolívar e da independência das colônias espanholas, é fazer releituras a respeito dos escritos do Libertador. Em seu livro *Nueva Lectura de la Carta de Jamaica*, Iturrieta fez um estudo sobre esse famoso escrito, analisando a estrutura do documento, suas referências literárias e influências textuais. Também, é de importante leitura a seguinte obra de Iturrieta: *Nada sino un hombre: las orígenes del personalismo en Venezuela*. Caracas: Editora Alfa, 2007.



Iturrieta questionou a formação inicial de Bolívar. Antes de ser perfeita, o acesso aos livros, aos manuais e aos professores foi sempre superficial, seguindo apenas mera formalidade social. Ele teve pouca escola e de modo intermitente, com noções rasas sobre o Iluminismo. Nem Simón Rodríguez, nem o frei Francisco de Andújar e nem Andrés Bello lhe instruíram verdadeiramente: “[...] o desdém provocado pela pretensão conduz a uma desregrada educação do menino e a um tratamento sem ternura [...]” (ITURRIETA, 2015, p. 28). Mais do que um ilustrado, Bolívar foi criado dentro de valores da elite *criolla* ainda muito aristocrática, preconceituosa em relação aos indígenas, aos escravos e, portanto, muito vinculada às tradições do Antigo Regime:

No geral, ele recebeu instrução sobre procedimentos de justiça militar, disposição de quartéis e recrutas, manejo de armas, treinos de tiros, evoluções de infantaria, geometria e estrutura de fortificações, pautas cerimoniais e, desde cedo, sobre o princípio de honras que deve diferenciar os membros da carreira militar. (ITURRIETA, 2015, p. 31)

3. Releitura dos escritos de Bolívar e ampliação das fontes

A partir das discussões anteriores, torna-se necessário fazer uma releitura dos escritos de Bolívar e, ao mesmo tempo, ampliar as fontes para se compreender melhor tanto a figura do general como o processo de independência. Ao revisitar os principais discursos de Bolívar, como a Carta da Jamaica (1815) e o Discurso de Angostura (1819), e realizar a leitura de outros tipos de fonte, como o jornal republicano *Correio de Orinoco*¹⁵, foi possível perceber que estes escritos mostravam, além das narrativas das luzes, uma outra faceta dos líderes da independência, mas que quase sempre foi silenciada, deixada em segundo plano, esquecida.

¹⁵ O jornal *Correio de Orinoco* foi um periódico semanal de propaganda dos republicanos. Ele sempre era publicado aos sábados. Tratava-se de uma mensagem concebida por um grupo dirigente específico e estabelecido, ou seja, a própria elite *criolla*. O jornal começou a circular em Angostura no dia 27 de junho de 1818 e sua última edição foi em 28 de março de 1822. Nele, é possível observar outras vozes a respeito da independência da América e não apenas a de Simón Bolívar. Para Elías Pino Iturrieta, “[...] o periódico foi o mais importante instrumento que utilizaram os revolucionários como meio de comunicação dos postulados que serviam de fundamento a seu antagonismo frente à ordem estabelecida.” (ITURRIETA, 1998, p. 88)

Simón Bolívar e alguns colaboradores do jornal *Correio de Orinoco* citaram e recorreram, em diversos momentos, aos escritos coloniais do século XVI¹⁶. O historiador cubano Rafael Rojas, no livro *Repúblicas del Aire*, publicado em 2009, deixou uma pista a este respeito: “Leitores de Colombo, Cortés e Las Casas, de cronistas e evangelizadores das Índias, os primeiros republicanos da América Hispânica olharam suas sociedades através do prisma daquelas leituras” (ROJAS, 2009, p. 22). Salvador Madariaga já havia mencionado algo semelhante ao dizer que Bolívar tinha sido criado nas Índias espanholas, em meio a frades e conquistadores, povoadores e *encomenderos*, servos índios e escravos negros, mundo de ordem, poder, fé e tradição.

Nesse sentido, as narrativas dos conquistadores do século XVI, como as *Cartas de Relación* de Hernán Cortés e as denúncias do frade dominicano Bartolomé de Las Casas, são presenças constantes nos escritos dos *criollos* durante a campanha de independência. Não é possível afirmar, num primeiro momento, se Bolívar leu ou não, no original, os escritos de Cortés e Las Casas, mas é plausível pensar que estas tradições narrativas do XVI estavam ali, em pleno século XIX, presentes de alguma forma, seja nas conversas cotidianas, no senso comum, em formas de memória coletiva, diluídas em outros escritores ou até mesmo nas maneiras de se ensinar a história do início da colonização.

Não se pode negar, de forma alguma, que os relatos de Cortés a respeito da conquista de Tenochtitlán em 1521 e as descrições do frei Bartolomé de Las Casas sobre a destruição das Índias, de 1552, tiveram forte impacto sobre o modo como a América viu e entendeu a sua própria história. Bolívar e a elite *criolla*, desta forma, podem ter sofrido impactos e feito usos específicos destes escritos, mesmo que não tenham sido lidos, citados ou declarados diretamente dos originais.

É preciso resgatar estas influências narrativas e recuperar uma parte dos usos deste passado colonial, tanto nos escritos que Simón Bolívar fez de si quanto nas apropriações que foram feitas pelos jornais de propaganda do período da independência. Uma observação importante é que uma vez deslocadas de seu contexto de produção original, as crônicas coloniais ganham não apenas novos usos e significados, mas

¹⁶ Embora trate do México, é de extrema importância a obra de Luiz Estevam de Oliveira Fernandes, a respeito dos usos do passado para a construção do Estado mexicano durante o século XIX: FERNANDES, Luiz Estevam de Oliveira. *Patria Mestiza*. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.

passam a ser inseridas em formas específicas de se narrar a história, muito diferentes das do século XVI. Não se trata mais de pensar a história como criação de Deus e nem de ver os acontecimentos como palcos para milagres, intervenções e providência divinas. Os escritos de Cortés e Las Casas estavam inseridos em uma tradição que dialogava, sobretudo, com a ideia de “*plano divino*”, de desígnios, numa construção cristã a respeito da história, em que as ações de Deus explicavam as conexões internas e visíveis dos acontecimentos. Não foi este o caso dos usos que foram feitos destes mesmos escritos no século XIX.

Reinhart Koselleck, em *historia/Historia*, obra publicada em 2014, falou sobre as mudanças na maneira de se narrar histórias ocorridas a partir do século XVIII: “[...] através da Ilustração, fortalecia-se decisivamente o campo que se exigia a tomada de posição enfaticamente em favor da verdade e especialmente em favor da doutrina moral das histórias” (KOSELLECK, 2014, p. 61). O plano celeste ficava eliminado. Era preciso retirar a interferência divina e substituí-la por lógica e argumentos racionais. A história seria, então, usada de forma moral, capaz de julgar as ações do passado para, sobretudo, pensar-se no próprio futuro¹⁷. As ações dos primeiros conquistadores, as violências e as atrocidades realizadas pelos espanhóis durante a colonização ocorrida no século XVI passaram a ser vistas como ações humanas e usadas, no século XIX, como exemplos de imoralidade para que, com isso, Simón Bolívar e os generais libertadores pudessem criar um projeto de independência, em nome da liberdade, da justiça e da moral históricas.

Simón Bolívar, assim como fazia Hernán Cortés em seus relatos, escrevia muitas vezes em primeira pessoa do singular: *eu fiz, eu ordenei, eu voltei, eu enviei, eu combati*. Ele narrava as manobras do exército libertador como se ele próprio, Bolívar, fosse o único autor de todas as ações e sucessos militares, atribuindo-se uma

¹⁷ De acordo com Koselleck (2014) estas novas maneiras de se narrar a história impedem o apagamento dos crimes e da imoralidade. A História, assim, moraliza, pois ela instrui a partir dos exemplos. A História se transforma, então, numa espera por justiça. Desse modo, o que se tem é a História experimentada como tribunal. A metáfora do tribunal se alimentava de pressupor uma justiça que se executava através da História. A História absolverá. Estas maneiras de se pensar os acontecimentos históricos questionavam a fé, a criação, as sagradas escrituras e a providência que, de acordo com a interpretação teológica, fundavam as conexões internas da História. A partir do Iluminismo e da Revolução Francesa, as ideias de ciência e progresso aparecerão nas narrativas históricas. Assim, o conceito de História passou a preencher o espaço até então dominado pela religiosidade. A força das mudanças históricas se concentram nas ideias, que assinalam a direção e geram novas forças. Nesse sentido, é um dever humano intervir a partir da ação.

consciência plena de tudo o que acontecia e, mais do que isso, um enorme papel como agente histórico. Em carta para Antonio Zea, em 1819, disse Bolívar:

Em seis jornadas cumpri o trajeto de Santa Fé [...]. Tenho tido que me deter em alguns lugares mais do que eu pensava [...] da minha saída até aqui tenho vindo em triunfo. Não há testemunho de gratidão, de amor e de confiança que não tenham me dado esses povos [...]. Os arcos triunfais, as flores, as aclamações, os hinos, as coroas ofertadas e postas sob minha cabeça pelas mãos de belas jovens, os festins e mil demonstrações de contentamento são os menores dos presentes que tenho recebido; o maior e o mais grato ao meu coração são as lágrimas mescladas com alegria com que tenho sido coberto [...]. (BOLÍVAR, 1964, p. 208)

A partir disso, é possível pensar que a narrativa *cortesiana* se relaciona com os escritos de Bolívar de duas formas: ela é *modelo* e, ao mesmo tempo, *antítese*. Ela é *modelo* na medida em que Bolívar narrava valores militares; a honra, a glória, o triunfo, as vitórias, as manobras das tropas e dos cavalos, as dificuldades enfrentadas, as noites sem dormir, os obstáculos da natureza, as coroas de flores, os hinos e as belas jovens que o recebiam após as batalhas de sucesso. Da mesma forma, em suas cartas, Hernán Cortés se narrava como aquele que chegava e avançava em direção a Tenochtitlán, capital mexicana, no ano de 1519. Ele tinha poucos soldados, a natureza era hostil, com subidas, descidas, rios e montanhas. Algo semelhante foi narrado e construído por Bolívar. A diferença era que em vez de conquistar em nome da Espanha, como Cortés, ele *desconquistava* em nome da América. O continente assaltado e injustiçado no século XVI refazia a sua própria história no XIX. Em carta a José Manuel Restrepo, escrita em Chancay, no dia 10 de novembro de 1824, Bolívar respondia ao escritor:

O gênio da América tem guiado a minha campanha e a fortuna nos tem sorrído. Não faz um ano que saí de Lima para tomar quinze províncias que estavam em mãos de dissidentes e libertei mais de vinte que estavam nas mãos dos opressores. Consegui tudo sem um tiro de fuzil [...] sepultamos a guerra civil no abismo do esquecimento, e temos arrancado o cetro do poder dos sucessores de Pizarro. (BOLÍVAR, 1983, p. 255)

Em vários momentos de suas campanhas militares, Bolívar utilizou uma linguagem gestual, teatralizante, estetizando, de certo modo, imagem e poder, a partir de suas entradas triunfais em vilas e cidades: “[...] Bolívar e suas tropas eram saudados com honras em praças públicas, o que era uma forma de seguir uma tradição instaurada



pelos primeiros heróis conquistadores, como Cortés, por exemplo” (REINATO, 2000, p. 60). Interessante perceber como essa estrutura escrita por Simón Bolívar se aproximava dos relatos feitos por Hernán Cortés ou pelo soldado Bernal Díaz del Castilho, soldado e membro da tropa espanhola presente na tomada de Tenochtitlán em 1521.

No outro dia de manhã, saíram da cidade para me receber no caminho, com muitas trombetas e tambores e muitas pessoas das que eles têm por religiosas em seus templos, vestidas das roupas que usam e cantando do seu modo como o fazem nos ditos templos. E com esta solenidade nos levaram até entrar na cidade e nos colocaram em um aposento muito bom onde todas as pessoas da minha tropa descansou para a minha felicidade. (CORTÉS, 2007, p. 109)

E quando viram entre as suas casas um homem a cavalo e seis a pé, espantaram-se de grande maneira. E depois que souberam que era Cortés, que tão renomado era em todas as partes das Índias e de Castela, não sabiam o que fazer de tanta felicidade, e depois vieram todos os caciques beijar suas mãos e lhes dar as boas-vindas. (CASTILLO, 2007, p. 478)

Embora as narrativas se aproximem, Cortés e Bolívar escrevem em contextos históricos muito diferentes e, por isso mesmo, representam heróis muito distintos. De acordo com François Dosse, em *O Desafio Biográfico*, as narrativas heroicas e biográficas do século XVI sofriam grande influência do gênero épico, da literatura, das hagiografias, das canções de gesta, numa constante tensão entre ficção e realidade. Nos relatos de Cortés ocorrem manifestações do maravilhoso e o “[...] que guia a ação permanece na ordem do divino [...]” (DOSSE, 2009, p. 153). Deus é seu protetor, é a sua armadura, e isso lhe permite superar obstáculos, já que o conquistador espanhol era uma espécie de eleito de Deus. Bolívar, por outro lado, já dialogava com uma tradição de narrativa heroica das Luzes e do próprio século XIX. Mais do que um herói divino, tratava-se de se construir a ideia de um “grande homem”. É na guerra e na filosofia que os grandes homens se manifestam. O que ocorre entre Cortés e Bolívar é um verdadeiro deslocamento de sacralidade: o martírio, no sentido cristão, transforma-se no martírio pela causa da pátria e, assim, o grande homem é “[...] a encarnação, o porta voz, não do



divino, mas de uma substância nova que ele habita e que se chama, no século XIX, a alma nacional” (DOSSE, 2009, p. 176)¹⁸.

Por outro lado, as narrativas de Hernán Cortés também representavam o contra modelo do Libertador, a sua *antítese*, na medida em que Bolívar lutava pela liberdade da América e não pela conquista. O primeiro conquistou; o segundo libertou. O personagem Bolívar, criado pelo próprio Bolívar, representava um acerto de contas do continente com o seu próprio passado. Ele encarnava, no campo simbólico, a cura das feridas e das mazelas coloniais. Simón Bolívar, *Libertador*, estancava o sangue derramado por Hernán Cortés, o *Conquistador*.

Do ponto de vista das habilidades, da força, da valentia, da cavalaria, do esforço, da coragem e do manuseio com as armas, estes dois personagens se aproximavam em suas narrativas e representações, mas, por outro lado, do ponto de vista moral, o *Libertador* libertava e quebrava as correntes dos domínios e dos grilhões coloniais, impostos pelo *Conquistador* irracional.

A obra do frei dominicano Bartolomé de Las Casas, *Brevíssima relação de destruição das Índias*, de 1552, fez várias denúncias a respeito da violência colonial dos espanhóis em relação aos indígenas e à América¹⁹:

[...] os espanhóis devastaram quase tudo no espaço de duas horas, passando a fio de espada crianças, mulheres e velhos e todos quantos não puderam fugir. [...] E aos outros todos os mataram a golpe de lanças e a fio de espada.

¹⁸ De acordo com François Dosse (2009) o *grande homem* é aquele que consegue fazer coincidir sua determinação pessoal com a vontade coletiva de uma época. Os grandes homens se distinguem pela capacidade de colocar o interesse público antes de suas ambições pessoais e consegue entender melhor do que qualquer outro as necessidades de seu tempo, mas uma vez contempladas, ele vai longe e se lança para além do tempo presente. Um grande homem surge para dar vida a uma ideia, determinada ideia e não outra, enquanto essa ideia tenha força e valha a pena ser vivida – não antes, não depois. O destino guia-lhes os passos. A marca do grande homem é sua própria vitória, sua capacidade de encarnar a sina do povo de quem é o porta voz num dado momento. O grande homem cristaliza em si o que até então só existia em estado de latência. A glória que daí resulta é incontestável na medida em que significa o julgamento da humanidade. A vida exemplar de quem derramou o seu sangue. As gerações seguintes têm uma dívida com o herói pátrio: “[...] ele encarna a ideia da coragem, da temeridade, da recusa à sujeição, exaltadas no século XIX como característica do espírito nacional. O corpo do herói se presta à encarnação da ideia de nação [...]” (DOSSE, 2009, p. 180). A nação, no século XIX, era uma importante matriz de identidade para a coletividade. O processo surgido no século das Luzes fez com que o herói divino fosse cedendo espaço para o *grande homem*.

¹⁹ A respeito dos escritos do frei dominicano Bartolomé de Las Casas, verificar as seguintes obras: BRUIT, Héctor Hernán. *Bartolomé de Las Casas e a simulação dos vencidos*. Campinas: Editora da Unicamp, 1995; NETO, José Alves de Freitas. *Bartolomé de Las Casas: a narrativa trágica, o amor cristão e a memória americana*. São Paulo: Annablume, 2003.

Também os atiravam a cães furiosos que os dilaceravam e os devoravam. (LAS CASAS, 1996, p. 61)

A narrativa trágica *lascasiana* do século XVI também se relaciona fortemente com os escritos de Simón Bolívar e de outros autores que escreveram durante o processo de independência da América no XIX. A construção da narrativa da elite *criolla* estabeleceu um vínculo direto com os textos de Las Casas. De acordo com essa relação, os espanhóis do século XVI são os mesmos do XIX: cruéis, sanguinários, fanáticos religiosos, violentos e que reduziram a América a um deserto de sangue, desolação e destruição. A elite *criolla* narrou a si mesma em sua história como vítima da mesma Espanha, esta que, séculos atrás, havia massacrado os indígenas. Nesse sentido, a narrativa de Las Casas foi lida, utilizada e apropriada como argumento justificador e legitimador histórico das campanhas militares de Bolívar. Em seu famoso decreto chamado *Guerra até a Morte*, pronunciado em Trujillo em 15 de junho de 1813, Bolívar escreveu:

[...] nossa missão somente se dirige a romper as cadeias da servidão, que esmagam ainda alguns de nossos povos [...]. Que desapareçam para sempre do solo colombiano os monstros que o infestam e o cobrem de sangue; [...] os bárbaros espanhóis, que os têm aniquilado com a rapina e os têm destruído com a morte [...]. (BOLÍVAR, 1983, p. 61)

A construção da Espanha como o mal era feita o tempo todo, tanto por Bolívar como pela propaganda republicana. Em seu conhecido *Manifesto de Cartagena* de dezembro de 1815, o general venezuelano afirmou:

[...] nossos naturais e implacáveis inimigos, os espanhóis europeus, que maliciosamente permaneceram em nosso país para mantê-lo incessantemente inquieto e promover quantas conspirações lhes permitissem formar [...]. (BOLÍVAR, 1992, p. 42)

No mais famoso documento de Bolívar, *Resposta de um americano meridional a um cavaleiro desta ilha*, conhecido com *Carta da Jamaica*, de setembro de 1815, ele recorreu diversas vezes às imagens trágicas *lascasianas*:

Há três séculos começaram as barbaridades que os espanhóis cometeram no grande hemisfério de Colombo [...]. O filantrópico bispo de Chiapas, o apóstolo da América, Las Casas, deixou para a posteridade uma breve relação



delas [...] crimes sanguinários cometidos naquele opulento império, pois os espanhóis nada poupam, desde que consigam submeter os que tiveram a desgraça de nascer naquele solo, que aparece destinado a se encharcar com o sangue de seus filhos. (BOLÍVAR, 1992, p. 57)

No mesmo documento, Simón Bolívar fez novamente menção aos conquistadores e ao frei dominicano Las Casas:

Parece que o senhor quer aludir ao monarca do México, Montezuma, preso por Cortés e morto, segundo Herrera, pelo mesmo [...] e a Atahualpa, inca do Peru, destruído por Francisco Pizarro e Diego de Almagro; A Nova Granada unir-se-á à Venezuela, cuja capital seja Maracaibo ou uma nova cidade que, com o nome de Las Casas seja fundada entre os limites de ambos os países [...]. (BOLÍVAR, 1992, p. 70)

Em seu “Discurso de Angostura”, de fevereiro de 1819, o general Bolívar manteve o mesmo tom em sua narrativa:

Quereis conhecer os autores dos fatos passados e da ordem atual? Consultai os anais da Espanha, da América e da Venezuela; examinai as Leis das Índias, o regime dos antigos mandatários, a influência da religião e o domínio do estrangeiro [...]. Com os membros inchados pelos grilhões, a vista enfraquecida pelas sombras das masmorras e aniquilados pelas pestilências servis, serão capazes de caminhar com passos firmes rumo ao augusto templo da liberdade? (BOLÍVAR, 1992, p. 85)

No jornal *Correio de Orinoco*, principal periódico de propaganda da elite *criolla* frente ao domínio espanhol, também estão presentes as menções à *legenda negra*²⁰ e aos conquistadores espanhóis. Na décima primeira edição, do dia 5 de setembro de 1818, o editor Andrés Roderick²¹ continuava um artigo, iniciado no décimo número do jornal, e

²⁰ Legenda negra: o termo *leyenda negra* é associado ao texto do dominicano Bartolomé de Las Casas, a *Brevíssima Relação de Destruição das Índias* (1552) e consiste na construção de uma imagem negativa a respeito da Espanha e dos colonizadores espanhóis, vistos, então, como selvagens, bárbaros, pecadores, gananciosos e autores das maiores atrocidades contra os indígenas durante o século XVI. As narrativas a respeito da crueldade, do obscurantismo, da intolerância religiosa, da tirania política, da sede por ouro e riquezas dos espanhóis constituíam parte da construção da defesa que Las Casas fazia em relação aos indígenas e às violências sofridas por eles.

²¹ Um dos principais impulsionadores da imprensa na Venezuela, Andrés Roderick (1790-1864) foi o impressor do jornal *Correio de Orinoco* entre 1818 e 1820. Ele recebeu o título de “Impressor do Governo” e “Impressor da República” e colaborou com a publicação de documentos de Simón Bolívar. Roderick foi prisioneiro das tropas espanholas em Maracaibo e teve que trabalhar imprimindo jornais realistas entre os anos de 1822 e 1823. A partir de 1826, encontrava-se em Bogotá e conseguiu voltar a trabalhar para a causa republicana e emancipacionista. Uma de suas últimas publicações foi a *Proclamação do Libertador*, do dia 10 de dezembro de 1830. *Dicionário de História de Venezuela*. Caracas: Fundação Polar, 1997, p. 966-967.



intitulado *Exposição sobre a Mediação entre Espanha e América*. Neste imenso artigo, Roderick escreveu o seguinte:

O quadro de desolação e de horror que atualmente apresenta a América é traço por traço, atrocidade por atrocidade, o mesmo que aquele do século infeliz de sua conquista. Os mesmos crimes, os mesmos estragos, a mesma depredação, todo gênero de atentados e maldades, aquela mesma sede de ouro e de sangue, aquela mesma raiva, aquele mesmo furor, os mesmos Espanhóis! Venham, escritores mercenários, apologistas desprezíveis da Espanha, venham ver se o delírio da Filantropia ditou as páginas horríveis que Las Casas apagava com as suas lágrimas! Venham, e caso ainda tenham algum sentimento de humanidade, publiquem, assim como ele, uma Breve Relação, daquilo que vierem a ver [...]. (CORREIO DE ORINOCO, 1818, n. 11)

Em seguida, Andrés Roderick afirmou que a população estava dividida em apenas duas classes: opressores e oprimidos, mas que felizmente o general Bolívar vinha voando de vitória em vitória desde as margens do rio Magdalena às portas de Caracas a tempo de libertar muitas vítimas. Neste mesmo artigo, a presença da narrativa trágica lascasiana ficou evidente:

Sua população inteira foi aniquilada. Atravessando com o mesmo punhal a mãe e o filho entre seus braços, rompendo a outras o ventre para arrancar o feto do seio materno, martirizando os ternos jovens e as virgens inocentes com tormentos que o pudor e a humanidade horrorizados afastam da vista [...]. A uns os desolavam vivos, despalmavam a outros as plantas dos pés e os forçavam a correr sobre um solo pedregoso e ardente, a outros lhes arrancavam parte da pele do rosto para fazer de objetos de zombaria [...]. (CORREIO DE ORINOCO, 1818, n. 11)

O trecho citado acima, do jornal republicano, provavelmente se inspirou em trechos escritos por Las Casas na primeira metade do século XVI. Logo no início da *Brevíssima relação da destruição das Índias*, de 1552, ao descrever as violências dos espanhóis na Ilha Hispaniola, o frade dominicano escreveu:

Entravam pelas aldeias, não poupando crianças nem velhos, nem sequer mulheres prenhas a quem rasgavam o ventre e faziam em pedaços. Faziam apostas sobre quem de um só golpe havia de abrir ao meio um homem [...] a outras crianças passavam-nas a fio de espada juntamente com as mães; outros ainda, cortavam ambas as mãos e as levavam dependuradas [...]. (LAS CASAS, 1996, p. 47)



Em outras duas edições, de 1820 e 1828, do jornal *Correio de Orinoco*, é possível perceber esse mesmo tom quando o alvo do ataque era o comandante das tropas espanholas Pablo Morillo:

Não foi menos horrível a carta que este cruel general escreveu a Fernando VII: [...] É necessário que eu destrua a população destes países pelo fogo, pelo ferro, pela fome e por quantos trabalhos e misérias inspira um furor desnaturalizado como fizeram Cortés, Pizarro e todos os conquistadores espanhóis com milhões de índios infelizes. (CORREIO DE ORINOCO, 1820, n. 77)

O General Morillo renovou na Nova Granada com suas atrocidades os horrores dos tempos de Cortés e Pizarro na América. Ele fez expor ao público os membros mutilados dos homens mais respeitados e se vangloriou de ter exterminado os homens do iluminismo. (CORREIO DE ORINOCO, 1828, n. 64)

Na medida em que se trabalhava com a *legenda negra* e se associava as atrocidades do domínio espanhol aos conquistadores do século XVI, a imagem do *Libertador* surgia. A releitura e os usos dos escritos *lascasianos*, assim como os de Cortés, tinham um propósito e uma função. As lutas de independência não foram marcadas apenas pela tentativa de se derrotar a Espanha no campo de batalha, mas também de se superar a insubordinação em suas próprias filas e evitar a guerra racial. Existiam generais rivais, brigas internas, deserções, dificuldades de se compor as tropas, indígenas, clérigos, crise no campo, o problema da fome, do pagamento dos soldados, pessoas que ainda eram fieis à coroa (realistas), *caudilhos* que lutavam para manter seu poder local, mestiços, pardos, traidores de todos os tipos e desconfiados: estes eram apenas alguns das centenas de desafios internos.

Era preciso, então, criar um discurso único, coeso, e que fosse capaz de unir estas diferentes pontas. O passado colonial espanhol era algo comum. De todos os lados havia queixas contra a administração colonial; em algum lugar, seja qual for, existia alguém descontente com os séculos da exploração colonial. Atacar a coroa e, portanto, transformá-la no mal poderia ser capaz de unir vozes dissonantes em uma postura, finalmente, uníssona.

Nesse sentido, os usos dos escritos trágicos de Bartolomé de Las Casas serviam a um propósito imediato: não se tratava mais de denunciar os *encomenderos*, como Las Casas havia feito no século XVI, mas de se construir um inimigo comum, capaz de



unificar os diferentes grupos sociais da América e justificar histórica e moralmente a independência no XIX:

A construção da nação exigia mitos compartilhados por todos: uma história da origem da nação, de seus heróis fundadores e de seus inimigos, do horrível passado do qual conseguiu se livrar e do grandioso futuro que lhe cabe esperar. (GUERRA, 2003, p. 11)

Desse modo, ao fazer uma releitura de alguns escritos de Simón Bolívar e ao ampliar minimamente as fontes a respeito da independência da América Espanhola, é possível perceber que os escritos das Luzes não eram a única referência presente nos textos da elite *criolla*. Na verdade, as citações iluministas parecem ter sido usadas para dar credibilidade e um sentido de autoridade aos textos, na medida em que grandes pensadores, como Rousseau ou Montesquieu, trariam força de argumentação para a retórica da independência, tão preocupada em se afastar da Espanha, vista e narrada como o mal, a violência e a barbárie.

Ao perceber que Simón Bolívar fazia referências constantes aos conquistadores e à tradição lascasiana do século XVI e que outras fontes como o jornal *Correio de Orinoco* também recorriam a estas mesmas narrativas coloniais, é possível questionar o quanto, de fato, a tradição iluminista teve um peso isolado e único na construção do discurso da emancipação. É importante, então, diante disso, fazer os seguintes questionamentos: o que fez a memória oficial da independência não mencionar estas influências textuais nos escritos de Bolívar? Por que se construiu ao longo do tempo uma imagem tão forte de Simón Bolívar como racional e iluminista e não se narrou, por exemplo, suas próprias referências documentais às festas, ao *Te Deum*, às flores, glórias, triunfos, cavalarias e suas citações às narrativas trágicas de Las Casas? Este tipo de reflexão nos faz pensar em questões que envolvem a História, a memória, as lembranças e os esquecimentos.



4. Memórias e Esquecimentos

Diante de todas estas questões trabalhadas ao longo do texto, foi possível perceber a existência de uma representação oficial e específica sobre Simón Bolívar. No entanto, ela dialoga com a História, com a memória e o esquecimento. Michel Foucault, no texto “Nietzsche, a genealogia e a História”, presente no livro *A Microfísica do Poder*, falou sobre a importância de rever tudo aquilo que parece ser tão harmonioso e conexo na História: “Lá onde a alma pretende se unificar, lá onde o Eu inventa para si uma identidade ou uma coerência, o genealogista parte em busca de um começo, dos começos inumeráveis [...]” (FOUCAULT, 1979, p. 20). Atrás desta verdade, tão sólida e linear, existe a proliferação de muitos caminhos, escolhas e desacertos. As verdades são construídas, apresentam a sua própria história. É como se as imagens prontas e estabelecidas dos personagens históricos fossem apenas um desvio que se consolidou, que se tornou útil e, até por isso mesmo, passam a ser imagens incontestadas. A identidade, única e imutável se constitui, assim, em certa ilusão: “[...] o plural a habita, almas inumeráveis nela se disputam; os sistemas se entrecruzam e se dominam uns aos outros” (FOUCAULT, 1979, p. 34).

Paul Ricoeur também falou dos silêncios, dos não ditos, das memórias manipuladas, dos esquecimentos controlados: “Ver uma coisa é não ver outra. Narrar um drama é esquecer outro” (RICOEUR, 2007, p. 459). As fontes primárias, revisitadas e relidas, revelaram outras possibilidades, um Bolívar mais múltiplo, cheio de ambiguidades e com fortes referências narrativas do período colonial. Ao rever as fontes foi possível ver “outros bolívares” na medida em que os textos nos deixam rastros, diferentes impressões, distintas pegadas. O esquecimento destes elementos e destas passagens das fontes bolivarianas, como a presença das narrativas *cortesianas* e *lascasianas* do XVI, promovem uma erosão, uma destruição (desta visão mais múltipla sobre Bolívar), mas ao mesmo tempo promovem a manutenção e a consolidação daquilo que sobra, ou seja, da representação oficial do Bolívar racional, iluminista e senhor de todas as coisas: “assim como a expectativa só é possível na base de um esperar por, também a lembrança só é possível na base de um esquecer [...]” (RICOEUR, 2007, p. 450).



Estamos diante dos registros, dos rastros, do que foi perdido, esquecido. Da mesma forma, como afirmou Jeanne Marie Gagnebin: “[...] podemos e talvez até mesmo devamos continuar a decifrar os rastros e a recolher os restos” (GAGNEBIN, 2009, p. 118). Revisitar Bolívar e seus escritos é, sobretudo, mexer com a *história do possível*, com sua genealogia, com memórias e esquecimentos, caminhar pelo que não foi dito, tocar no que ficou para trás, do lado de lá da História. Como afirmou Carlo Ginzburg em *O fio e os rastros*: “Ler os testemunhos históricos a contrapelo [...] contra as intenções de quem os produziu significa supor que todo texto inclui elementos incontrolados” (GINZBURG, 2007, p. 11). Nos textos sempre há algo de opaco, aquilo que o olhar registra mesmo sem entender completamente.

Após as guerras de independência e, sobretudo, após a morte de Bolívar (17 de dezembro de 1830), sua imagem foi se consolidando como mito. Essa adoração, inicialmente popular, foi, aos poucos, tornando-se parte de diversos projetos dos Estados Nacionais nascentes²². O historiador venezuelano Germán Carrera Damas disse que essa foi a mudança do *culto do povo* para a elaboração de um *culto para o povo* (DAMAS, 1969). O projeto político de Bolívar não deu certo. A Grande Colômbia foi desmembrada. Ele mesmo chegou a ser desterrado da Venezuela. A batalha política foi perdida, mas ele venceu, de certo modo, a batalha da memória. Como os projetos de Bolívar naufragaram e a união de diferentes partes do continente não ocorreu, estes programas ficaram *suspensos no ar*, como utopia, como horizontes de expectativa que, um dia, de repente, poderiam vir a acontecer. O culto criado sobre Bolívar permitiu com que sonhos e conquistas ficassem em aberto, ou seja, que algo, um dia, ainda poderia ser alcançado. Desse modo, as guerras de independência deixam de ser o fim e se tornam, portanto, apenas o primeiro passo para a consolidação de um projeto futuro. Nesse

²² O presidente da Venezuela, José Antonio Páez, em 1842, ordenou o retorno dos restos mortais de Bolívar, que foram depositados inicialmente na Igreja da Santíssima Trindade. Entre os anos de 1870 e 1888, Antonio Guzmán Blanco se esforçou muito na construção de estátuas equestres para homenagear o líder da emancipação venezuelana. O presidente evocava diretamente as falas de Bolívar, os seus discursos, e se colocava como o autêntico continuador de suas ideias, chegando a ser chamado de “Regenerador”. A estátua equestre, localizada em Caracas seria um símbolo da grandeza nacional, a efigie de seu herói, uma maneira de demonstrar que na América do Sul também existe um povo civilizado, em cuja mente germinam grandes ideias, um povo que ama suas tradições e sua história, que recompensa a virtude e não vive apenas de pão, mas também de sentimentos elevados e generosos. Interessante perceber a relação estabelecida entre a construção da estátua equestre de Simón Bolívar e a ideia de povo civilizado; ver-se como um povo herdeiro de um herói cria um povo que se enxerga como heroico. Uma verdadeira nação, com orgulho de si, homenageia os seus grandes homens.

sentido, o culto à memória de Bolívar se tornou uma eterna esperança. Ele é um futuro que não chega. Essa esperança, que é ao mesmo tempo uma espera, transformou-se em poderosa arma unificadora utilizada por diversos políticos ao longo do século XX:

[...] reivindicar o programa de Bolívar, com o qual se apropriava de um magnífico instrumento de unificação política, e tranquilizava as massas populares ao deixar-lhes aberta a perspectiva de atingir alguns frutos que sempre tardavam a amadurecer. (DAMAS, 1969, p. 49)

Bolívar não representava apenas uma obra feita, mas uma obra que ainda poderia ser feita. Ele era o acabado e o inacabado ao mesmo tempo, a certeza da independência e a esperança de novas conquistas: “[...] neste conflito, a figura do Libertador ocupava o alto posto de representar tudo aquilo que não se tinha obtido ao cabo da luta emancipadora” (DAMAS, 1969, p. 55). Elías Pino Iturrieta também analisou a figura de Bolívar na obra *El divino Bolívar*²³ e afirmou: “[...] a república nascente, convertida em deserto pelas guerras, deve recorrer ao passado para retirar de seus feitos a força necessária para a inauguração de seu novo caminho” (ITURRIETA, 2003, p. 21). Parece que a independência não terminou, se pensarmos na proclamação de sua continuidade e que seu máximo representante não morreu, se considerarmos os constantes chamados à sua presença. Sua memória, escrita também por ele mesmo, é a todo instante evocada.

Em plenos séculos XX e XXI, a memória de Bolívar ainda aparece como orientação necessária. É ela quem diz para onde ir e o que fazer. É sempre possível voltar para esta representação oficial, racional, iluminista e receber um guia paternal. É como o farol que ilumina a noite. A luz que clareia a escuridão. A imagem de Bolívar cumpre, assim, uma função exemplar. Ela conservou o poder do *Libertador* mesmo depois de sua morte física. O general, o homem das armas, o militar armado, estratégico, tático e planejado também aparece como aquele que é sempre capaz de restaurar a ordem, de conscientizar, de liderar uma luta. Diante de dificuldades presentes sempre será possível voltar a um passado e a uma memória que serve, sobretudo, como refúgio. A maior obra de Bolívar foi a dependência da América em relação à sua imagem e à construção de sua memória. Simón Bolívar libertou parte da

²³ ITURRIETA, Elías Pino. *El divino Bolívar: ensayo sobre una religión republicana*. Madrid: Catarata, 2003.

América. Mas essa mesma América, livre da Espanha, acorrentou-se à memória do *Libertador*. Ele segue cavalgando. Nunca ficou enterrado em seu túmulo. Bolívar já não é aquele que existiu, mas aquele que é usado, apropriado, ressignificado, lido e relido, mesmo por aqueles que não o declaram abertamente. Muitos se perderam no labirinto narrativo de Bolívar. Ele ainda ecoa, tanto de modo visível, ou seja, anunciado e declarado, como também de maneira invisível, velado e silencioso.

Muitos políticos se declararam publicamente como seguidores de Bolívar; citaram suas falas, seus textos, recorreram a estátuas, imagens, cerimônias festivas e oficiais. Ele foi mencionado por Guzmán Blanco, Mussolini, pelos movimentos de esquerda e fortemente utilizado por Hugo Chávez. Na feliz expressão de Nikita Harwich, o general foi e é um *herói para todas as causas*:

[...] o culto do qual é objeto em sua terra natal derivou em grande parte da interpretação peculiar que foi dada ao personagem pela historiografia: a de um herói que pode servir para todas as causas e circunstâncias. (HARWICH, 2003, p. 8)

Mas, de maneira mais sutil, Bolívar também nos atravessa como um rio profundo. O seu espectro nos assombra de modo invisível, silenciosamente. Toda vez que nos deparamos com personagens que encarnam a ideia de salvador²⁴, de pessoas que se narram como indispensáveis e como aqueles que irão instruir e educar todo o continente, ali está a esfinge bolivariana, pronta para ser decifrada. O *homem das armas* (HÉRBRARD, 2006), que age, que comanda e lidera a sociedade, fará algo por todos e em nome de todos para que, finalmente, em um futuro próximo, possam ser realizados os mais grandiosos projetos a partir das ações heroicas e românticas de todos aqueles que se intitulem como os últimos libertadores.

Referências Bibliográficas:

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

²⁴ A respeito da história do personalismo político na Venezuela, ver: ITURRIETA, Elías Pino. *Nada sino un hombre*. Caracas: Alfa, 2007.



- ARANA, Marie. *Bolívar: o Libertador da América*. São Paulo: Três Estrelas, 2015.
- BAUZÁ, Hugo Francisco. *El mito del héroe: morfología y semântica de la figura heroica*. Buenos Aires: FCE, 1998.
- BETHELL, Leslie. *História da América Latina - volume III - Da Independência até 1870*. São Paulo: Edusp, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1986.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão Biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (Orgs.). *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996.
- BUSANICHE, José Luis. *Bolívar visto por sus contemporáneos*. México: FCE, 1986.
- BUSHNELL, David. *Simón Bolívar: hombre de Caracas, proyecto de América - una biografía*. Buenos Aires: Biblos, 2002.
- BRUIT, Héctor Hernán. *Bartolomé de Las Casas e a simulação dos vencidos*. Campinas: Editora da Unicamp - Iluminuras, 1995.
- CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietudes*. Porto Alegre: UFRS, 2002.
- DAMAS, Germán Carrera. *El culto a Bolívar*. Caracas: Grijalbo, 1969.
- DAMAS, Germán Carrera. *Cuestiones de Historiografía Venezolana*. Caracas: Universidad Central de Venezuela, 1964.
- DAMAS, Germán Carrera. *La Independencia cuestionada*. Caracas: Alfa, 2017.
- DAMAS, Germán Carrera. *Historia de la Historiografía Venezolana*. Caracas: Ediciones de la Biblioteca, 1961.
- DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: Edusp, 2009.
- FERNANDES, Luiz Estevam de Oliveira. *Patria Mestiza*. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.
- FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Lisboa: Passagens. 1992.



FRANCO JÚNIOR, Hilário. *Cocanha: a história de um país imaginário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

FREDRIGO, Fabiana de Souza. *Guerras e escritas: a correspondência de Simón Bolívar*. São Paulo: Editora da Unesp, 2010.

FREDRIGO, Fabiana de Souza. As guerras de independência, as práticas sociais e o código de elite na América do século XIX: leituras da correspondência bolivariana. *Varia História*. Belo Horizonte: volume 23, número 38, 2007.

FUNES, Patricia. Soberanías y Emancipación. In: FUNES, Patricia. *Ideas políticas en América Latina*. Madrid: Turner, 2014.

FURET, François. A Revolução no imaginário político francês. In: FURET, François. *A Revolução em debate*. Bauru: Edusc, 2001.

GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GOMES, Ângela de Castro. *Escrita de si. Escrita da História*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

GRUZINSKI, Serge. A Guerra das Imagens: de Cristóvão Colombo a Blade Runner (1492-2019). São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GRUZINSKI, Serge; BERNAND, Carmen. *História do Novo Mundo: da descoberta a conquista, uma experiência europeia (1492-1550)*. São Paulo: Edusp, 1997.

GUERRA, François-Xavier. *Inventando la Nación: Iberoamérica siglo XIX*. México. FCE, 2003.

HARTOG, François. *O Espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2013.

HARVEY, R. *Los libertadores: la lucha por la independencia de América Latina*. Barcelona: RBA Libros, 2002.

HARWICH, Nikita. Un héroe para todas las causas: Bolívar en la historiografía. *Iberoamericana*, III, 10 (2003), p. 7-22.

HÉBRARD, Véronique. El hombre en armas: de la heroización al mito. In: DAMAS, Germán Carrera; CURIEL, Carole Leal; LOMNÉ, Georges; MARTÍNEZ, Frédéric (Eds.) *Mitos políticos en las sociedades andinas: orígenes, invenciones, ficciones*. Lima: Institut Français d'études andines, 2006.



- HERRERA, Luis Fernando Castillo. Entre el respecto y la veneración: imagen y cuerpo del libertador Simón Bolívar. *Revista Universitaria de Investigación y Diálogo Académico*. Volume 8, Número 3, 2012, p. 94-116.
- ITURRIETA, Elías Pino. *Nueva Lectura de la Carta de Jamaica*. Caracas: Monte Ávila Editores, 1998.
- ITURRIETA, Elías Pino. *El divino Bolívar: ensayo sobre una religión republicana*. Madrid: Catarata, 2003.
- ITURRIETA, Elías Pino. *Bolívar: Esbozo Biográfico*. Caracas: Editora Alfa, 2015.
- ITURRIETA, Elías Pino. *Nada sino un hombre*. Caracas: Alfa, 2007.
- KARNAL, Leandro. *Teatro da Fé: representação religiosa no Brasil e no México do século XVI*. São Paulo: Editora Hucitec, 1998.
- KARNAL, Leandro. Os textos de fundação da América: a memória da crônica e a alteridade. *Ideias - Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas*. Campinas: IFCH, Ano 11 (1), 2004, p. 5-12.
- KARNAL, Leandro; FREITAS NETO, José Alves (Orgs.). *A Escrita da Memória - interpretações e análises documentais*. São Paulo: Instituto Cultural Banco Santos, 2004.
- KOSELLECK, Reinhart. *Historia/Historia*. Madrid: Editorial Trotta, 2014.
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Editora da PUC, 2006.
- LEMPÉRIÈRE, Annick. *El paradigma colonial en la historiografía latino-americana*. Notas y Diálogos. Paris: CERMA, 2004.
- LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (Orgs.). *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2002.
- LYNCH, John. *Las revoluciones hispanoamericanas (1808-1826)*. Barcelona: Ariel, 1976.
- LYNCH, John. *Simón Bolívar*. Barcelona: Crítica Editora, 2010.
- MADARIAGA, Salvador. *Bolívar*. Tomos I e II. México: Hermes, 1951.
- MÁRQUEZ, Gabriel García. *O general em seu labirinto*. Rio de Janeiro: Record, 2014.
- MARX, Karl. *Simón Bolívar por Karl Marx*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.



MORAIS, Marcus V. *Hernán Cortez: civilizador ou genocida?* São Paulo: Contexto, 2011.

PALTI, Elías José. *La investigación de una legitimidad: razón y retórica en el pensamiento mexicano del siglo XIX - un estudio sobre las formas del discurso político.* México: FCE, 2005.

POMER, León. *La construcción de los héroes: imaginário y nación.* Buenos Aires: Leviatán, 2005.

QUIJADA, Monica. Que nação? Dinâmicas e dicotomias da Nação no imaginário hispano-americano (Cap. IX). In: GUERRA, François-Xavier. *Inventando la Nación: Iberoamérica siglo XIX.* México: FCE, 2003.

QUINTERO, Inés. Historiografía e Independencia en Venezuela. In: CHUST, Manuel; SERRANO, Antonio (Eds.) *Debates sobre las independências iberoamericanas.* Madrid: Iberoamericana, 2007.

QUINTERO LUGO, Gilberto Ramón. La leyenda negra y su influjo en la historiografía venezolana de la independencia. *Tierra Firme.* Caracas, volume 22, número 86, 2004.

REINATO, Eduardo José. *El Quijote de los Andes: Bolívar e o imaginário da independência na América: 1810-1830.* Goiânia: Editora da UCG, 2000.

REZA, Germán A. de la. Genealogía intelectual de la Carta de Jamaica. *Cuadernos Americanos.* México, Março de 2015, p. 101-114.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio ou Da Educação.* São Paulo: Martins Fontes, 2014.

ROJAS, Rafael. *Las Repúblicas del aire: utopía y desencanto en la revolución de Hispanoamérica.* México: Taurus Historia, 2009.

SALCEDO-BASTARDO, José Luis. *Visão e Revisão de Bolívar.* Rio de Janeiro: Agir, 1976.

SORIANO, Graciela. Introdução. in: *Simón Bolívar: Escritos Políticos.* Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

VILA, Manuel Pérez. *La Biblioteca del Libertador.* Caracas: Biblioteca Virtual Universal. 1960 (2003).

Fontes e arquivos:

ARCHIVO DEL LIBERTADOR (www.archivodellibertador.gob.ve)



Revista Eletrônica da ANPHLAC, ISSN 1679-1061, Nº. 24, p. 10-43, Jan./Jun., 2018.

<http://revista.anphlac.org.br>

- BLANCO, Eduardo. *Venezuela Heroica*. Caracas: Imprensa Sanz, 1881.
- BOLÍVAR, Simón. *Escritos del Libertador*. Caracas: Sociedade Bolivariana de Venezuela - Stanford Libraries, 1964.
- BOLÍVAR, Simón. *Política*. São Paulo: Ática, 1983.
- BOLÍVAR, Simón. *Escritos Fundamentais*. Caracas: Venezuela, 1983. Seleção de Germán Carrera Damas.
- BOLÍVAR, Simón. *Escritos Políticos*. Campinas. Editora da Unicamp, 1992.
- CASTILLO, Bernal Díaz del. *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*. Porrúa: México, 2007.
- CORREIO DE ORINOCO: Arquivo digital disponível em formato PDF. Disponível em: <http://www.correodelorinoco.gob.ve/venezuela-de-verdad/>
- CORTÉS, Hernán. Cartas de Relación. In: *Crónicas de América*. Madrid: Dastin, 1985.
- LAS CASAS, Bartolomé. *Brevíssima relação da destruição das Índias*. Lisboa: Antígona, 1996.
- LAS CASAS, Bartolomé. *Historia de las Indias*. México: FCE, 1986.
- RODRÍGUEZ, Simón. *Defensa de Bolívar*. Caracas: Imprensa Bolívar, 1916.

